

Pró-Culpa

"O Brasil será um país bem mais arrumado quando tomar a decisão de concentrar-se na multiplicação de chances para quem está pior – e deixar em paz quem está melhor"

01 É raro passar muito tempo, hoje em dia, sem que o brasileiro comum se veja acusado de
alguma coisa. Se algo está errado, se um grupo de pessoas tem um problema ou se alguém sofre
um tipo qualquer de injustiça, o cidadão já pode ir se preparando: a culpa provavelmente é dele. A
maneira de dizer isso é conhecida: "A culpa é da sociedade". Ou: "A culpa é de todos nós". A culpa
05 também pode ser "das elites", ou "da classe média" – sendo pior, ainda, a situação dos que caem
na classificação "elites brancas" e, pior do que tudo, "elites brancas do sul". A hipótese de que as
pessoas atingidas por qualquer dificuldade da vida tenham alguma responsabilidade, por menor
que seja, em sua situação não é sequer considerada. Os culpados são sempre os outros, e esses
outros são sempre os que conseguiram um grau qualquer de sucesso, mesmo modesto, naquilo
que fazem ou que são. Pouco importa se obtiveram isso em razão de mérito pessoal – na forma de
10 esforço próprio, talento individual ou simples trabalho duro. Os responsáveis pelas carências
alheias, na falta de alguém que possa ser acusado de imediato, são eles. É como acontece em
certas rodas de pôquer: se depois de dez minutos de jogo ainda não deu para descobrir quem é o
pato da mesa, cuidado – é quase certo que ele seja você. No Brasil de hoje, num leque de
problemas que vai dos índios macuxis de Roraima aos meninos de rua de São Paulo, nem é
15 preciso esperar tanto. O culpado não vai aparecer. Prepare-se, então, para ser denunciado.

Tome-se o caso dos índios de Roraima, para quem o governo deu uma reserva com área
de 17.000 quilômetros quadrados. Resulta que há, na terra demarcada para os índios, gente que
pelos mapas oficiais não deveria estar lá. Quem entra nesse tipo de bola dividida assume riscos;
mas, enquanto o Supremo Tribunal Federal delibera a respeito, não apenas os fazendeiros que
20 cultivam áreas na reserva se vêem em julgamento. Vai se formando, ao mesmo tempo, um vago
clima de denúncia contra os "brancos" em geral, especialmente os que decidem ir para lugares
como Roraima – ou para a Amazônia como um todo. Em outros tempos podiam ser considerados
desbravadores, heróis ou patriotas, como o marechal Rondon ou Plácido de Castro. Hoje são
freqüentemente vistos como bandoleiros.

25 O episódio de Roraima é apenas um entre muitos. Avança no Brasil, cada vez mais, um
movimento nacional pró-distribuição de culpa – uma espécie de xis-tudo onde qualquer ingrediente
pode entrar, desde que sirva para criar algum tipo de réu. O brasileiro é culpado pela pobreza em
sua volta, pelas violências que ele mesmo sofre e, 120 anos depois da abolição, pelos problemas
da população negra. Também é culpado por não ir para o trabalho em transporte coletivo, de
30 bicicleta ou a pé. Cabe-lhe culpa pela degradação do bioma da Amazônia, do cerrado e da Mata
Atlântica, embora muitas vezes nem saiba o que é o bioma. É acusado de não morar nas
periferias, não ganhar o salário mínimo e não usar madeira certificada. É criticado por colocar seus
filhos em escolas particulares – como se fizesse isso porque gosta de torrar dinheiro pagando
mensalidade. É culpa sua, enfim, que o Brasil seja injusto, dentro da idéia pela qual a desigualdade
35 é provocada por quem, individualmente, é melhor – e, como resultado disso, tem uma vida melhor.
O problema, nessa maneira de ver o mundo, não é a escassez de maiores oportunidades para
todos; é o fato de haver recompensas diferentes para resultados diferentes.

O sujeito oculto de toda essa questão, no fundo, é a hostilidade ao mérito. Ter mérito,
para os agentes do Pró-Culpa, é prejudicar alguém. Não é um ativo; é um débito. Em vez de ser
40 razão para incentivo, é algo a ser "compensado" – uma maneira disfarçada de dizer
desencorajado, limitado ou punido. É animador, nesse clima, ver um político como o deputado
Ciro Gomes observar que o interesse comum só tem a ganhar com o estímulo ao mérito individual – a
"desigualdade positiva", diz ele. O deputado gosta de ver a si próprio como um homem de
esquerda; mas não acha que isso o obrigue a ser cego. O que ele parece estar perguntando é:
45 "Que culpa um cidadão tem de ser inteligente?". A isso se poderia acrescentar que também não há
nada de errado em ser talentoso, eficaz ou em trabalhar mais – e, sobretudo, no fato de haver
benefícios maiores para quem produz mais e melhor. O Brasil será um país bem mais arrumado
quando tomar a decisão de concentrar-se na multiplicação de chances para quem está pior – e
deixar em paz quem está melhor.

Com base no texto que você leu, responda as quatro próximas questões.

QUESTÃO 01

O texto de J.R. Guzzo, sobre a culpa que é imputada ao brasileiro comum de tudo que acontece de errado no País, apresenta três hipóteses que servem como alerta ao cidadão para se preparar para receber a culpa.

- a) Por meio de um parágrafo completo, apresente as três hipóteses.
- b) As hipóteses apresentadas em sua resposta ao item anterior são inclusivas ou exclusivas? Justifique sua resposta.

Resolução:

- a) As três hipóteses são: se algo está errado; se um grupo de pessoas tem um problema; se alguém sofre um tipo qualquer de injustiça.
- b) As hipóteses apresentadas são inclusivas, uma vez que uma não elimina a possibilidade de as outras acontecerem também.

QUESTÃO 02

No trecho “Os culpados são sempre os outros, e **esses outros** [...]” (linha 07), a expressão coesiva catafórica destacada remete o leitor a um grupo de pessoas citado no texto.

- a) A que grupo de pessoas se refere a expressão destacada?

- b) Observe o trecho seguinte, retirado do texto (linhas 18 – 22)

“Quem entra nesse tipo de **bola dividida** assume riscos; mas, enquanto o Supremo Tribunal Federal **delibera** a respeito, não apenas os fazendeiros que cultivam áreas na reserva se vêem em julgamento. Vai se formando, ao mesmo tempo, **um vago clima** de denúncia contra os “brancos” em geral, especialmente os que decidem ir para lugares como Roraima – ou para a Amazônia como um todo.”,

Apresente expressões sinônimas que podem ser usadas em substituição às expressões destacadas.

Resolução:

- a) A expressão destacada refere-se às pessoas “que conseguiram um grau qualquer de sucesso, mesmo modesto, naquilo que fazem ou que são”.
- b) Bola dividida = problema, questionamento, situação; delibera = decide, analisa, verifica; um vago clima = sensação, pensamento dominante ou comum.

QUESTÃO 03

Tomando como referência o segundo parágrafo do texto, faça o que se pede. O segundo parágrafo (linhas 16 – 24) apresenta um fato que gera um argumento que contribui para a tese defendida pelo autor.

- a) Qual a tese defendida pelo autor no texto como um todo?
- b) Qual o argumento apresentado no segundo parágrafo?

Resolução:

- a) A tese defendida pelo autor é que a culpa dos problemas das maiorias malssucedidas recai sempre sobre as minorias bem sucedidas.
- b) O argumento apresentado no segundo parágrafo é que a demora na deliberação do problema dos índios em Roraima gera um vago clima de denúncia contra as minorias bem sucedidas.

QUESTÃO 04

Leia com atenção a notícia abaixo.

“Mais de 3 mil estudantes, professores e dirigentes do Sindicato das Escolas Particulares de Uberlândia (Sinep) fizeram na manhã de ontem, na praça Clarimundo Carneiro, uma passeata em protesto contra o Programa de Ações Afirmativas de Ingresso ao Ensino Superior (Paaes). Os manifestantes não concordam com o novo sistema seriado de provas, implantado no dia 29 de agosto, pelo Conselho Universitário da Universidade Federal de Uberlândia (Consun/UFU). O Paaes substitui o antigo Programa Alternativo de Ingresso ao Ensino Superior (Paies) e garante 25% de todas as vagas nos cursos de graduação da universidade (sic) para alunos que cursaram o ensino médio em escolas públicas.”

(Jornal Correio, Uberlândia, 10.10.2008)

- a) Explique em que ponto há concordância entre a tese defendida por J. R. Guzzo, em seu texto *Pró-Culpa*, e o protesto noticiado pelo Jornal Correio.
- b) Faça uma paráfrase do último período do texto de J. R. Guzzo.

Resolução:

- a) A notícia publicada no Jornal Correio entra em concordância com a tese defendida por J. R. Guzzo na medida que ambos deixam claro que é preciso multiplicar as chances de quem está em desvantagem, mas sem atrapalhar quem está melhor.
- b) Resposta individual.